

ALEXANDRINA MARIA DA COSTA

Nasceu em Balasar, Póvoa de Varzim, Arquidiocese de Braga, no dia 30 de março de 1904. Foi baptizada no dia 2 de abril, Sábado Santo. Foi educada cristãmente pela mãe, junto com a irmã Deolinda. Alexandrina viveu em casa até aos 7 anos. Fez a primeira comunhão na Igreja da sua terra natal em 1911 e no ano seguinte recebeu o sacramento da Crisma pelo Bispo do Porto. Em janeiro de 1912 foi para uma pensão dum marceneiro na Póvoa de Varzim a fim de frequentar a escola primária que não existia em Balasar. Passados 18 meses, voltou a Balasar e foi morar com a mãe e a irmã na localidade do “Calvário”, onde irá permanecer até à morte.

Robusta de constituição física, começou a trabalhar nos campos, equiparando-se aos homens e a ganhar o mesmo que eles. A sua infância foi muito viva: dotada de temperamento feliz e comunicativo, era muito querida pelas colegas. Aos 12 anos adoeceu: uma grave infeção (uma febre tifoide, talvez) colocou-a quase à morte. Superou a doença, mas a sua saúde ficou abalada para sempre.

Aos 14 anos aconteceu um facto que seria decisivo para a sua vida.

Era Sábado Santo de 1918. Nesse dia, ela, a irmã Deolinda e mais uma mocinha aprendiz, estavam a trabalhar de costura, quando perceberam que três homens tentavam a entrar na sala onde se encontravam. Embora estivessem fechadas, os três homens forçaram as portas e conseguiram entrar. Alexandrina, para salvar a sua pureza ameaçada, não hesitou em atirar-se pela janela, de uma altura de quatro metros. As consequências foram terríveis, embora não imediatas. De facto, as várias visitas médicas a que foi sucessivamente submetida diagnosticaram, cada vez com maior clareza, um facto irreversível.

Até aos 19 anos pôde ainda arrastar-se até a igreja, onde gostava de ficar recolhida, com grande admiração das pessoas. A paralisia foi avançando cada vez mais, até que as dores se tornaram insuportáveis; as articulações perderam qualquer movimento; e ela ficou completamente paralisada. Era o dia 14 de abril de 1925 quando Alexandrina ficou definitivamente de cama. Ali haveria de passar os restantes 30 anos de sua vida.

Até 1928 não deixou de pedir a Deus, por intercessão de Nossa Senhora, a graça da cura, prometendo que se sarasse partiria para as missões. Depois compreendeu que a sua vocação era o sofrimento. Abraçou-a prontamente. Dizia: *“Nossa Senhora concedeu-me uma graça ainda maior. Depois da resignação deu-me a conformidade completa à vontade de Deus e, por fim, o desejo de sofrer”*.

São desse período os primeiros fenómenos místicos: Alexandrina iniciou uma vida de grande união com Cristo nos Tabernáculos, por meio de Nossa Senhora.

Um dia em que estava só, veio-lhe improvisamente este pensamento: *“Jesus, tu és prisioneiro no Tabernáculo. E eu por tua vontade prisioneira na minha cama. Far-nos-emos companhia”*.

Desde então começou a primeira missão: ser como a lâmpada do Tabernáculo. Passava as noites como em peregrinação de Tabernáculo em Tabernáculo. Em cada Missa oferecia-se ao Eterno Pai como vítima pelos pecadores, junto com Jesus e segundo as suas intenções.

Quanto mais clara se tornava a sua vocação de vítima tanto mais crescia nela o amor ao sofrimento. Comprometeu-se com voto a fazer sempre o que fosse mais perfeito.

De sexta-feira, 3 de outubro de 1938 a 24 de março de 1942, ou seja, por 182 vezes, viveu, em todas as sextas-feiras, os sofrimentos da Paixão: Alexandrina, superando o estado habitual de paralisia, descia da cama e com movimentos e gestos, acompanhados de angustiantes dores, repetia, por três horas e meia, os diversos momentos da *Via Crucis*.

“*Amar, sofrer, reparar*” foi o programa que o Senhor Ihe indicou. Desde 1934, a convite do padre jesuíta Mariano Pinho, que a dirigiu espiritualmente até 1941, Alexandrina punha por escrito tudo quanto, vez por vez, Ihe dizia Jesus.

Em 1936, por ordem de Jesus, pediu ao Santo Padre, através do P. Pinho, a consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria. Este pedido foi renovado várias vezes até 1941, pelo que a Santa Sé interrogou três vezes o Arcebispo de Braga a respeito de Alexandrina. No dia 31 de outubro de 1942, Pio XII consagrou o mundo ao Coração Imaculado de Maria com uma mensagem transmitida de Fátima em língua portuguesa. Este ato foi repetido em Roma na Basílica de São Pedro no dia 8 de dezembro do mesmo ano de 1942.

Depois de 27 de março de 1942, Alexandrina deixou de se alimentar, vivendo exclusivamente da Eucaristia. Em 1943, por quarenta dias e quarenta noites, foram rigorosamente controlados por médicos o jejum absoluto e a anúria, no hospital da Foz do Douro, no Porto.

Em 1944, o novo diretor espiritual, P. Umberto Pasquale, salesiano, após constatar a profundidade espiritual a que tinha chegado, animou Alexandrina a continuar a ditar o seu diário; fê-lo com espírito de obediência até à morte.

No mesmo ano de 1944 Alexandrina inscreveu-se na União dos Cooperadores Salesianos. E quis pôr o seu diploma de Cooperadora «em lugar bem visível a fim de o ter sempre debaixo dos olhos» e colaborar com o seu sofrimento e as suas orações para a salvação das almas, sobretudo juvenis. Rezou e sofreu pela santificação dos Cooperadores Salesianos de todo o mundo.

Apesar dos sofrimentos, continuava a dedicar-se aos problemas dos pobres, do bem espiritual dos paroquianos e de muitas outras pessoas que a ela recorriam. Promoveu em sua paróquia tríduos e horas de adoração.

Especialmente nos últimos anos de vida, muitas pessoas, vindas de longe, atraídas pela fama de santidade, visitavam-na; muitas atribuíam a própria conversão aos seus conselhos.

Em 1950, Alexandrina festejou o 25º ano de sua imobilidade. E em 7 de janeiro de 1955 foi-lhe preanunciado que aquele seria o ano da sua morte. De facto, dia 12 de outubro quis receber a unção dos enfermos. E no dia 13, aniversário da última aparição de N. Sra. de Fátima, ouviram-na exclamar: “*Sou feliz porque vou para o céu*”. Às 19h30 expirou.

Fonte:

https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_20040425_da-costa_po.html

Sobre a sua campa podem ler-se estas palavras por ela tão desejadas:

“Pecadores, se as cinzas do meu corpo puderem ser úteis para a vossa salvação, aproximai-vos: passai todos por cima delas, pisai-as até desaparecerem, mas não pequeis mais! Não ofendais mais o nosso Jesus! Pecadores, queria dizer-vos tantas coisas. Não bastaria este grande cemitério para escrevê-las todas! Converti-vos! Não queirais perder a Jesus por toda a eternidade! Ele é tão bom!... Amai-O! Amai-O! Basta de pecar!”.

É a síntese da sua vida gasta exclusivamente para salvar as almas.

No Porto, na tarde do dia 15 de outubro, os vendedores de flores viram-se sem nenhuma flor branca: todas tinham sido vendidas para a homenagem floral a Alexandrina, que tinha sido a rosa branca de Jesus.

A Cruz de Balazar

Desde 1832, por vários anos, Balasar foi meta de peregrinações em honra de uma Cruz aparecida misteriosamente na terra, a poucos metros da atual igreja. Para proteção desta Cruz foi construída uma Capela, ainda existente, que tem na frente a data 1832, esculpida em pedra. Durante anos houve também uma Confraria, com o fim de promover a festa da Santa Cruz de Balasar.

Pouco mais de um século depois, Balasar torna a ser meta de numerosas peregrinações: o povo é atraído pela fama de Alexandrina Maria da Costa, que aí viveu muitos anos «crucificada».

O próprio Jesus falou com a Alexandrina sobre a Cruz que apareceu em Balasar, no ano de 1832. Era um sinal enviado por Deus, um símbolo da vida e da missão de Alexandrina que, à semelhança de Jesus, que ofereceu o seu corpo e alma como vítima de expiação para a salvação das almas.

No colóquio de 5 de dezembro de 1947, Jesus falou assim à Beata Alexandrina: «*És a Minha vítima, a quem confiei a mais alta missão. E como prova disso atende bem ao que te digo para bem o saberes dizer.*

Quase um século era passado que eu mandei a esta privilegiada freguesia a cruz para sinal da tua crucifixão. Não a mandei de rosas, porque a não tinha, eram só espinhos; nem de ouro, porque esse com pedras preciosas serias tu com as tuas virtudes, com o teu heroísmo a adorná-la. A cruz foi de terra, porque a mesma terra a preparou. Estava preparada a cruz; faltava a vítima, mas já nos planos divinos estava escolhida; foste tu. O mal aumentou, a onda dos crimes atingiu o seu auge, tinha que ser a vítima imolada; vieste, foi o mundo a crucificar-te.»

Alexandrina começou a sentir uma grande pena de Jesus «prisioneiro dos Tabernáculos», ao mesmo tempo que tomava consciência da sua vocação de vítima. Instruída pelo próprio Cristo e por Ele guiada na sabedoria da cruz, ofereceu-se como vítima de expiação, aceitou ser crucificada e tornar-se participante da Redenção através dos seus sofrimentos, que foram muitos, atrozes e contínuos. Experimentou na sua carne e no seu espírito os sofrimentos da paixão de Jesus, moléstias diabólicas, a que se juntaram tentações, períodos de aridez e de trevas interiores, dúvida contra a fé e morte mística.

Sofreu igualmente devido aos transtornos causados pelas visitas de muitas pessoas ... aos inquéritos eclesiais e dos médicos, devido às repreensões deles, por não acreditarem na sua sinceridade e honestidade. Deus favoreceu-a com êxtases, visões, conhecimentos de facto futuros, perscrutação dos corações. Nos últimos treze anos de sua vida não tomou qualquer alimento a não ser o Pão eucarístico. (Decreto sobre as virtudes, Congregação para as causas dos santos, 12 de janeiro 1996)

HINO AOS SCRÁRIOS

Ó meu Jesus, eu quero que cada dor que sentir, cada palpitação do meu coração, cada vez que respirar, cada segundo das horas que passar, sejam actos de amor para os vossos Sacrários.

Eu quero que cada movimento dos meus pés, das minhas mãos, dos meus lábios, da minha língua, cada vez que abrir os meus olhos ou os fechar, cada lágrima, cada sorriso, cada alegria, cada tristeza, cada tribulação, cada distração, contrariedades ou desgostos, sejam Actos de amor para os vossos Sacrários.

Eu quero que cada letra das orações que reze, ou oiça rezar, cada palavra que pronuncie ou oiça pronunciar, que leia ou oiça ler, que escreva ou veja escrever, que cante ou oiça cantar, sejam Actos de amor para com os vossos Sacrários.

Eu quero que cada beijinho que Vos der nas vossas santas imagens ou da vossa e minha querida Mãezinha, nos vossos santos ou santas, sejam Actos de amor para os vossos Sacrários.

Ó Jesus, eu quero que cada gotinha de chuva que cai do céu para a terra, toda a água que o mundo encerra, oferecida às gotas, todas as areias do mar e tudo o que o mar contém, sejam Actos de amor para os vossos Sacrários.

Eu Vos ofereço as folhas das árvores, todos os frutos que elas possam ter, as florzinhas oferecidas pétala por pétala, todos os grãos de sementes e cereais que possa haver no mundo, e tudo o que contêm os jardins, campos, prados e montes, ofereço tudo como Actos de amor para os vossos Sacrários.

Ó Jesus, eu Vos ofereço as penas das avezinhas, o gorjeio das mesmas, os pêlos e as vozes de todos os animais, como Actos de amor para os vossos Sacrários.

Ó Jesus, eu Vos ofereço o dia e a noite, o calor e o frio, o vento, a neve, a lua, o luar, o sol, a escuridão, as estrelas do firmamento, o meu dormir, o meu sonhar, como Actos de amor para os vossos Sacrários.

Ó Jesus, eu Vos ofereço tudo o que o mundo encerra, todas as grandezas, riquezas e tesouros do mundo, tudo quanto se passar em mim, tudo quanto tenho costume de oferecer-Vos, tudo quanto se possa imaginar, como Actos de amor para os vossos Sacrários.

Ó Jesus, aceitai o Céu, a terra, o mar, tudo, tudo quanto neles se encerra, como se esse tudo fosse meu e de tudo pudesse dispor e oferecer-Vos como Actos de amor para os vossos Sacrários.

Alexandrina Maria da Costa foi beatificada em Roma
pelo Papa S. João Paulo II no dia 25 de Abril de 2004.

O milagre:

Maria Madalena Gomes Fonseca, natural de Ribeirão, emigrante em França. Aí morou e trabalhou até lhe ser diagnosticada a doença de Parkinson. Em 1995 iniciou uma novena à Beata Alexandrina e no dia 3 de Março, primeira sexta feira do mês e da quaresma deu-se o milagre. Madalena, apenas se lembra de receber a Sagrada Eucaristia, por volta das 16h00 e por volta das 18h00, sentiu que alguém lhe tocou e foi quando ficou curada. Sendo chamado o médico, a sua casa, Madalena agradeceu-lhe a ele e a Deus. Imediatamente o médico disse a Madalena que não lhe deveria agradecer a ele nem a outro médico, mas sim a Deus, pois para a sua doença não à cura possível através da medicina. Foi este milagre que levou à beatificação de Alexandrina Maria da Costa.

ORAÇÃO

*Ó Jesus, que Vos alegrais com os corações simples e humildes,
tantas vezes esquecidos e desprezados,
exaltai, com a graça da canonização, a Beata Alexandrina,
que sempre desejou viver escondida do mundo e alheia às suas grandezas.
Escutai as súplicas que, por seu intermédio, Vos dirigimos.
Concedei-nos particularmente a graça que desejamos, ...
se for para Vossa honra, glorificação do Imaculado Coração de Maria
e salvação dos pecadores, pelas quais tão generosamente
se imolou esta Vossa tão dedicada filha.*